

Meio: **Jornal de Leiria**

Data: **08-09-2011**

Espaço: **2/3 página**

Secção/pág.: **Sociedade / 6**

Paulo Costa, psicólogo clínico

Atitudes hostis são promotoras do insucesso



Quais as principais preocupações de pais e alunos quando iniciam um novo ciclo?

A criança pode andar mais reactiva, ter um choro fácil, estar mais dependente da figura do adulto, ter alguma insónia ou alteração do padrão do apetite. Isso deve merecer atenção, mas não ser hipervalorizado. Deve transmitir-se à criança que, independentemente dela estar inquieta, outras crianças também vão integrar-se na escola, pelo que ela também será capaz de o fazer. Só nas situações que se perpetuem no tempo - mais ou menos um mês após início do ano lectivo - é que se deve valorizar. A regra de ouro é nunca passar a ideia de que, porque houve uma experiência má com a mãe ou com o pai; ela possa ser vivida pela criança. Também é preciso ter em atenção nas idades dos 2.º e 3.º ciclos se a criança não é vitimizada ou está a ser alvo de *bullying* ou rejeição.

Quais os sinais a que os pais devem estar atentos?

Se a criança começa a dizer que não quer ir à escola é preciso perceber qual o motivo. Se é por um medo específico, terá de ser desvalorizado e não acalentado para a criança não tirar partido disso. Se a criança consegue especificar é preciso que os pais procurem que ela seja sincera e particularize o que possa ter acontecido. Nos primeiros momentos de entrada na escola esse é o tipo de coisa que pode vir a acontecer. As crianças podem camuflar com medo das represálias e aí os pais devem estar atentos aos sin-

tomias que referi e tentar saber pela via indirecta, ou porque a criança contou a um colega ou à directora de turma ou se deixou transparecer uma marca física.

O que transmitir a uma criança que tenha características físicas que a possam levar a ser alvo de gozo?

As crianças são cruéis umas com as outras e quando alguma tem um ponto que pode ser alvo de crítica ou observação com carácter pejorativo, ele será aproveitado. Os pais devem transmitir às crianças que as suas características físicas ou emocionais fazem de si um ser único e não devem sentir-se inferiores. Devem dizer-lhes para ignorar e defenderem-se, mas não pela via do confronto com o outro. Claro que isso funciona até certo ponto. Quando a criança começa a ser repetidamente vítima desse tipo de comportamentos leva um rombo na sua auto-estima, o que pode interferir no seu aproveitamento escolar. É preciso não hipervalorizar, mas é necessário conter esse processo. Os pais devem transmitir que mesmo que seja mais gordinha ou tenha óculos não significa que não seja competente ou dotada para ter um bom aproveitamento.

Como é que os pais devem reagir com as más notas dos filhos?

Devemos procurar analisar o porquê do erro. Há classificações negativas que podem estar relacionadas com pouco trabalho do aluno e aqui há que o responsabilizar e evocar esse processo para

que a criança perceba que houve comportamentos e atitudes inadequados na preparação da avaliação. Também tem de haver necessariamente uma atitude de supervisão e os pais não se podem demitir da sua função. Os pais não devem valorizar só os aspectos negativos, mas também reforçar pequenos ganhos e pequenas atitudes de envolvimento e responsabilização dos seus filhos. Atitudes hostis, rígidas, demasiado autoritárias e agressivas só vão provocar no aluno o receio de ser novamente confrontado com o insucesso e podem resultar em sentimentos de frustração, ansiedade excessiva e descontrolo que não vão ser promotoras de sucesso.

Que atitude é mais indicada caso se descubra que o filho fuma ou experimentou drogas?

Também não deve ter uma atitude demasiado rígida, agressiva ou punitiva. Deve perceber por que é que aquele comportamento aconteceu. Sabemos que os jovens, cada vez mais precocemente, tendem a ter esse tipo de experiência e uma experiência não significa um comportamento permanente. É preciso falar de uma forma aberta e descontraída e alertar para os riscos e efeitos negativos na manutenção desse comportamento e estar atento a situações de risco, levando a que seja o adolescente a gerar mecanismos de auto-crítica. Se esse comportamento continuar deve pedir ajuda não tendo uma atitude coerciva, mas protegendo o adolescente. ■